

# A PLEBE CAMPINAS

Nº 08/agosto 2008 – Ano 01. INFORMATIVO do Sindicato de Artes e Ofícios Vários de Campinas, associado a Federação Operária de São Paulo (FOSP), a Confederação Operária Brasileira (COB), Associação Continental Americana dos Trabalhadores (ACAT) e a Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT).

[www.fosp.anarkio.net](http://www.fosp.anarkio.net)



## Editorial

### Voto Nulo 2008 – A necessidade de mudança

O voto nulo não é mais um protesto para a FOSP-COB-AIT, já faz parte de nossas lutas que buscam bem estar e liberdade (slogan da COB do início do século, tão atual quando no tempo em que foi forjado).

E no que consiste a campanha de voto nulo?

Em divulgar a prática de rompimento com a política assistencialista, burocrática, profissionalizada e partidária que temos e que chamam de “democracia”. É uma baita farsa que alimentamos de dois em dois anos e que denunciamos como um atraso para nossa classe, já que ela fica esperando, esperando, esperando, porque este vai mudar ou porque não tem opção, mas tem e que sempre falamos:

VOTO NULO – O SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO E A ANARQUIA COMO POLÍTICA DE BASE, SEM ENROLAÇÃO, SEM ESTADO, SEM PARTIDOS, PORQUE SOMOS RESPONSÁVEIS E QUEREMOS AUTOGERIR NOSSO LAR, NOSSO TRABALHO, NOSSA EDUCAÇÃO, SEM INTERVENÇÃO DE CLASSES PARASITAS, EXPLORADORAS E OPRESSORAS!

Defendemos o voto nulo e é incrível como todos com quem conversamos dizem a mesma coisa, que estamos certos, que os políticos são sacanas, corruptos entre outros adjetivos. Mas tão incrível estarem de acordo com o que defendemos, é que esses mesmos simpáticos as nossas lutas, bandeiras e idéias, cordeiramente vão votar e votam no que consideram o “menos ruim”. Como isso é possível?

O voto é uma obrigação, com sanções e multas para quem foge da obrigação, porque o Estado não cumpre com sua tarefa de educar nosso povo, a fim de que com consciência, não precise de uma “obrigação” para ter “corum” de votantes, já que o voto seria um ato consciente. Mas não isso ocorre.

O voto nulo ou não votar é o de menos, já que por si só não mostra nada (para o Estado, é que errou !?!). Por isso é necessário aliar ao Voto Nulo,

uma campanha onde a metodologia anarquista de autogestão seja mostrada, que as práticas libertárias e do sindicalismo revolucionário sejam referências de resistência e luta. É rompimento puro que defendemos. É preciso parar o sistema econômico-político capitalista, porque é agente direto das desigualdade sociais, o que queremos abolir com o socialismo libertário.

Não pretendemos e nem queremos o governo do Estado, queremos o seu fim, suplantado por autogestões diretas descentralizadas, do povo, pelo povo e para o povo, Por isso também não somos de esquerda e nem de direita, não somos partidos e nem somos aliados de qualquer um. O partido é um erro, porque ao contrário de promover a revolução, promovem reformismos, o que “não é o ideal, mas é um avanço”. Para quem está ferrado, é menos ferro, mas o ferro continua, que avanço!!! O partido é uma instituição do Estado (mesmo os mais ditos “xiitas” ou “radicais”) e o querem disfarçadamente ou na caruda, o poder, o Estado e assim implementar suas “políticas” partidárias, que não são necessariamente o que precisamos (principalmente nossa classe explorada e oprimida).

Também não somos vanguarda de nada e nem seguimos qualquer personalidades (os autoritários seguem “marxis”, “troskis”, “maois”, “cheis”, etc). Criticamos nossos companheiros do passado, vendo neles, seus erros e acertos, como sabemos que os temos agora, e que resistir e lutar é uma processo de erros e acertos e temos que estarmos sempre atentos a isso, evitando explorar e oprimir quem quer que seja, e lutar para que isso seja abolido.

Seguimos a máxima: a emancipação de nossa classe é nossa obra, então perguntamos: É possível outorgar a terceiros nossa tarefa?

Acreditamos que não! A organização de nossa classe é nossa tarefa, gerando a resistência e o conhecimento que no leve a romper, produzir e distribuir de forma justa para todos, sem exclusões econômicas, políticas ou qual que for o nome da opressão e exploração.

Juntem-se a nós, Conheça, Organiza e Luta!

Na construção do sindicalismo revolucionário!

## Os Causadores da Fome quinta-feira 10 de Julho de 2008

Nestas últimas meses [1], os motins motivados pela fome espalharam-se como um rastilho de pólvora por um grande número de países. Estes acontecimentos, pela sua gravidade, são reveladores do estado de crise no qual se encontra imersa, hoje, a população mundial. Uma crise que, na verdade, não é consequência do acaso! A alta infernal dos preços dos produtos alimentares, que condena à fome por todo o mundo milhões e milhões de seres humanos, tem certamente várias causas. Mas a principal, a de efeitos maciços, a mais directa, é a especulação.

Os açambarcadores, primeira causa da crise alimentar mundial

Devido à crise desencadeada pela especulação desenfreada que atingiu os mercados de crédito de alto risco em geral, sobretudo no sector do crédito hipotecário à compra de habitação, os especuladores, verdadeiros açambarcadores dos tempos modernos, afastaram-se desses mercados financeiros para se lançarem, como a miséria sobre o pobre, para um outro mercado: o das matérias-primas alimentares. O resultado não se fez esperar: para os especuladores, lucros gigantescos; para as populações do terceiro mundo, a reaparição em força da fome e da miséria extrema, e para as populações dos países ditos desenvolvidos (e que se encontram, de facto, em plena regressão social), o aperto do cinto em mais alguns furos. Esta semana, soube-se que o arroz já se encontra racionado nos Estados Unidos e em Israel. Depois do racionamento motivado pela falta de dinheiro, o racionamento propriamente dito, do género do dos anos de guerra.

Uma outra razão tem de ser levada em conta na mesma direcção que a da especulação: o desenvolvimento, em países onde até agora era incipiente, de uma classe burguesa tão ávida de consumir como a nossa própria burguesia, e que por isso se apropria de uma boa parte dos recursos alimentares apenas para ela própria. Outras “explicações” têm sido avançadas periodicamente pelos média. A primeira assenta sobre as variações climáticas: secas aqui, inundações acolá, afectaram as colheitas. A outra grande explicação de respeito aos bio-carburantes. O seu fabrico requer, com efeito, uma enorme quantidade de plantas, cujas superfícies de exploração deixaram de estar disponíveis para as culturas de produtos alimentícios. Estas duas razões são na verdade reais, mas os média esquecem-se em geral de referir a sua causa. Pois nem o aquecimento climático nem a escolha de áreas para a produção dos bio-carburantes (tal como, igualmente, o desperdício generalizado dos carburantes tradicionais) se devem ao acaso, mas são, sim, do mesmo modo que a fome, uma consequência directa da existência do capitalismo e do Estado.

Durante a fome, a mundialização continua

Sendo a situação bastante explosiva, os hipócritas

que nos governam fazem de conta que descobrem que as suas políticas económicas conduzem à fome. Através das instituições internacionais eles lançam, embora sem firmeza, o alarme: é preciso dinheiro para salvar os pobres. Sente-se que preparam um grande apelo ao nosso bolso e ao nosso coração, uma grande operação mediática de recolha de fundos que supostamente se destinarão aos esfomeados. Entretanto, prosseguem a toque de caixa com a mundialização da economia e com a concentração dos meios de produção num pequeno número de mãos, isto é, trabalham ativamente para o desaparecimento dos pequenos produtores locais de culturas de produtos alimentares, preparando assim as próximas investidas da fome. A crise que actualmente vivemos não irá parar por si própria!

Os altermundistas propõem-nos as suas soluções: um novo tipo de organização do comércio mundial, um comércio mais justo, mais respeitador do ambiente. Ora isto é esquecer quem hoje em dia lucra com o comércio existente. É esquecer que as grandes multinacionais, tal como os hierarcas dos Estados (de países desenvolvidos ou não), acumularam vastas fortunas à custa dos pobres, e isso precisamente graças à sua “lei do mercado”. Uma pseudo-lei da qual não esperam ter de renunciar aos seus benefícios! Quem acredita que os poderosos vão abdicar sem mais nem menos dos seus privilégios, se a isso não forem obrigados? Nunca antes o fizeram, nem agora o farão. Para além disso, a sua reacção face aos motins da fome é clara: bem podem lançar um alerta humanitário nos países ocidentais, para evitarem que as suas populações venham a ter alguns problemas de consciência, que não é por essa razão que hesitam em disparar sobre as multidões a fim de as submeter.

Para nós, é evidente que o conflito deixou de ser entre o “cá” e o “lá”, entre o ocidente e o terceiro mundo, tal como não é entre a esquerda e a direita. É entre os de baixo e os de cima. Entre a classe daqueles que são oprimidos e a classe dos que oprimem. Não é de dirigentes que é preciso mudar, nem de leis, mas sim de sistema, na sua totalidade. É uma revolução, à escala planetária, aquilo que é necessário pôr em marcha. E para esse objectivo, cada um de nós, pela sua acção quotidiana, pode contribuir.

Michel

-----  
Associação Internacional dos/as Trabalhadores/as - Secção Portuguesa

Tradução livre do artigo Les affameurs, saído no nº 106 de Anarchosindicalisme! (publicação da CNT-AIT, a secção francesa da A.I.T.), de Maio/Junho de 2008.

